

REMINISCÊNCIAS BRINCANTES DAS CRIANÇAS PIONEIRAS DO PERÍODO DA COLONIZAÇÃO DO CONE SUL DE RONDÔNIA

PLAYING REMINISCENCES OF PIONEERING CHILDREN FROM THE PERIOD OF THE COLONIZATION FROM SOUTH CONE OF RONDÔNIA

Juracy Machado Pacífico 1
Érica Jaqueline Pizapio Teixeira 2

Resumo: O artigo trata de um recorte de resultado de uma pesquisa realizada no campo dos brinquedos, das brincadeiras e da criança. O objetivo foi conhecer a história lúdica da criança pioneira do sul de Rondônia e compreendê-la na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. A pesquisa, de abordagem qualitativa, produziu dados a partir de conversas individuais com sete pais e mães de crianças de uma escola localizada na área rural do sul de Rondônia, denominada Cone Sul. Os materiais analíticos foram extraídos dos registros organizados em diário de campo, que versavam sobre a vida brincante da criança pioneira das décadas de 1970 e 1980. Despontam-se nos resultados um acervo histórico e cultural, oriundo das muitas famílias de diversos lugares do país que foram para o sul de Rondônia. Emergem das análises uma vida cercada pelo brincar natural entre os grupos de vizinhos, suas vivências brincantes, afazeres domésticos e braçais nas lavouras.

Palavras-chave: Memórias Brincantes. Criança Pioneira. Sul de Rondônia.

Abstract: Abstract: The article deals with an excerpt of the result of a research carried out in the area of toys, pranks and children. The goal was to get to know the playful history of the pioneer child in southern Rondônia and understand it from the perspective of Historical-Cultural Theory. The research, with a qualitative approach, produced data from individual conversations with seven fathers and mothers of children from a school located in the rural area of southern Rondônia, called Cone Sul. The analytical materials were extracted from records organized in a field diary, which treated about the playing life of the pioneer child in the 1970s and 1980s. The results show a historical and cultural collection, coming from the many families from different parts of the country that went to the south of Rondônia. Arise from the analysis a life surrounded by natural play among groups of neighbors, as well as their playing experiences, household chores and manual labor in the fields.

Keywords: Playing Memories. Pioneer Child. South of Rondônia.

1 Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora do Curso de Pedagogia; do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf). Líder do GRUPO EDUCA - Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação e Infância e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil, Infâncias e Educação Especial e Inclusiva. Editora da Revista EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação. Coordenadora do LABRINTECA - Laboratório do Brinquedo e da Ludicidade.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3051710228899281>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0486-874X>.
E-mail: juracypacifico@unir.br

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf) pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora EBTT do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Colorado do Oeste.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5798-275X>.
E-mail: erica.pizapio@ifro.edu.br

Introdução

O menino entrega ao mundo
o dom da sabedoria
que nasce do coração.
Porque é de amor e de infância
que o mundo tem precisão.
(MELLO, 2001, p. 135)

Apresentamos o sul do estado de Rondônia descortinado por lampejos brincantes da infância pioneira. Infância essa que carece de estudos, em especial sobre suas brincadeiras. Trata-se de recorte de resultados de uma pesquisa realizada no campo dos brinquedos, das brincadeiras e da criança, cujas análises são desenvolvidas tendo como base as contribuições da Teoria Histórico-Cultural.

Nossa investigação centra-se nas crianças pioneiras do sul de Rondônia, considerando um passado constituído pelas interações de diferentes culturas quando da colonização do estado, refletindo em sentidos e significados distintos e historicamente permutados entre os seres humanos daquela época. (VIGOTISKI, 1998).

A região Sul do Estado de Rondônia, denominada Cone Sul, e seu crescente desenvolvimento teve início entre as décadas de 1970 e 1980 a partir da distribuição de terras por órgãos governamentais, embora a região tenha sido habitada pela colônia espanhola com a exploração no ciclo da borracha, no final do Século XIX, mais precisamente nos anos de 1875 (TEIXEIRA; FONSENCA, 1998; HUGO, 1959).

O objetivo desse estudo é conhecer a história brincante da criança pioneira do sul de Rondônia e refletir sobre esse processo histórico, cultural e social na constituição e formação da infância presente nos momentos de habitação do estado.

Estudos desenvolvidos por pesquisadores de Rondônia (TEIXEIRA; FONSENCA, 1998) apontam que a criança esteve presente no momento da formação das comunidades urbanas e camponesas daquela época, cujas famílias vinham de todas as partes do país. Com isso, cabe-nos perguntar: como a criança fez parte daquele processo histórico, cultural e social? Como ela brincava? Com o que ela brincava? Como se dava a relação criança, brinquedo e brincadeiras e seu contexto?

A pesquisa se desenvolveu pelos caminhos da investigação qualitativa, conforme orientada por Bogdan e Bliklen (1992). O diário de campo particular foi o instrumento utilizado para o registro de dados empíricos, sendo estes constituídos pelas reminiscências das memórias brincantes de sete pais e mães de crianças matriculadas em uma escola da área rural da região do Cone Sul do estado de Rondônia, sendo esses os participantes da pesquisa, adultos na atualidade, mas crianças no período da colonização do estado.

Conjecturam-se os resultados mediante as reflexões da criança pioneira rondoniense com uma ligação indissociável entre a infância, os brinquedos e as brincadeiras.

A criança pioneira do sul de Rondônia foi o resultado de um processo de colonização miscigenada e de uma cultura abundante nas relações brincantes, ao mesmo tempo em que a infância era dividida entre brincadeiras, trabalhos domésticos, trabalhos braçais nas lavouras e nas atividades escolares.

Dentre as ocupações dos meninos e meninas pioneiros, estava a principal e pretendida ocupação: o brincar. Esse brincar se sobressaía nos mais diversos lugares e com os mais diversificados brinquedos advindos do contexto social e das criações da criança pioneira, que se destacava na inventividade de seus próprios brinquedos.

O Brincar e a criança: reflexões a partir da Teoria Histórico-Cultural

Os estudos da Teoria Histórico Cultural (THC) apresentam uma periodização para o desenvolvimento psíquico, sendo: *Primeira Infância*, com dois períodos (Primeiro ano de vida (0-1) e Infância Precoce (1-3)); *Infância*, também com dois períodos (Idade pré-escolar (3-6 anos) e Idade escolar e atividade de estudo (7-10 anos)); *Adolescência* (adolescência inicial

e Adolescência) (CHAVES, 2017). As reflexões sobre a criança e suas brincadeiras considerou, neste artigo, os períodos Primeira Infância e Infância, por acreditar que são as crianças a partir de três anos que provavelmente irão levar memórias brincantes para um futuro e que já participam de diversos espaços, grupos e atividades.

A THC considera que no final da Primeira Infância (0-3), e com a apropriação da fala, o pensamento da criança passa por novas experiências e possibilidades, sendo a fala esse veículo capaz de conduzir a criança ao mundo externo, às suas necessidades, e, conseqüentemente, os brinquedos e as brincadeiras são fatores primordiais para o desenvolvimento nesse período. Chaves, citando Vigotski e Luria (1996, p. 209), destaca que

[...] a convergência entre pensamento e fala constitui o momento mais importante no desenvolvimento de um indivíduo e é exatamente essa conexão que coloca o pensamento humano numa altura sem precedentes. (CHAVES, 2017, p.115).

Ainda com atribuições desordenadas entre suas relações com os objetos, na Primeira Infância (1-3 anos) a criança confere impressões subjetivas no mundo a sua volta e nos objetos de sua realidade. Cabe ressaltar que o adulto desempenha um papel fundamental na relação entre a criança e a sua evolução psíquica, motora, social, ou seja, uma relação que contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança, a partir de sua interação, estimulação e participação na vida infantil.

Para Elkonin (2009), nesse período inicia na criança o jogo protagonizado ou jogo de papéis, o qual é visto nessa teoria como a principal atividade para a evolução das funções psicológicas superiores infantis. E mais, o jogo é visto como uma atividade inerente a aprendizagem e ao desenvolvimento da criança, ao contrário do adágio de atividade puramente prazerosa, é preciso primeiro compreender os períodos de desenvolvimento da criança e suas atividades predominantes, pois "se não entendermos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade." (VYGOTSKY, 2000 p. 122).

O brinquedo, no campo da Teoria Histórico-Cultural, é considerado como uma atividade intrínseca ao desenvolvimento infantil, não puramente romantizado como objeto de entretenimento de uma vida desocupada. O jogo é a atividade principal da/na infância, um elemento repleto de sentidos históricos, sociais e culturais capazes de produzir junto ao ser brincante, novas estruturas de aprendizagens.

Através das experiências vivenciadas pela criança no período de zero a um ano (0 -1) e de um ano a três anos de idade (1-3), período amplo denominado de Primeira Infância, conforme postulado nos estudos de Vigotski e seus colaboradores, a criança passou por um processo intenso de aprendizagens anteriores, alterando o seu modo de ser e de agir, resultando em novas aprendizagens. Essa nova fase denominada de idade pré-escolar, onde se inicia os jogos de papéis (ELKONIN, 2009), mas o ensino sistematizado desponta de maneira mais concreta no final dessa fase.

De acordo com os estudiosos da teoria, a criança passa por uma série de ações desconectas. É comum, no início não desenvolver suas brincadeiras por ações cronológicas coordenadas. É nessa fase que as brincadeiras de papéis ganham vida no campo infantil. A criança passa a realizar imitações do adulto, da vida cotidiana:

No desenvolvimento da brincadeira, quando a criança passa a utilizar seu próprio nome, quando ela se denomina na atividade, ou seja, identifica-se um alguém que executa uma ação realizada pelos adultos com algum objeto, são os indícios da brincadeira de papéis sociais. (LAZARETTI, p. 131, 2016).

Conforme visto, a partir do momento que a criança passa a utilizar seu nome, a se identificar na brincadeira e a realizar ações lúdicas derivadas de imitações da vida adulta, nota-se que outro desenvolvimento foi alcançado por ela, evoluindo conseqüentemente suas funções

psicológicas superiores, onde a brincadeira ordenada e concatenada com os fatos e ações é o início dessa evolução, ou seja, a criança avança para o período denominado Infância. Nesse período a atividade principal da criança é a brincadeira de papéis sociais e o ensino sistematizado

Cada ação realizada pela criança tem sua continuação lógica em outra ação que substitui a primeira. As coisas, os brinquedos e o ambiente recebem significados lúdicos concretos que se conservam durante todo o jogo. As crianças jogam juntas e as ações de uma criança estão ligadas às das outras. (ELKONIN, p. 243, 2009).

Essa relação estabelecida e demonstrada no momento do jogo pelas crianças que brincam, acontece na criança a partir dos três anos de idade, denominado Infância, após sua apropriação com o uso da linguagem, sua percepção com os seres e objetos ao seu redor, então a criança na fase pré-escolar passa a vivenciar as brincadeiras de papéis com sentidos e ações lógicas para ela.

Para Vigotski (2000, p. 122), as brincadeiras de papéis na idade da pré-escola (3-6 anos), também podem ser analisadas como elementos capazes de contribuir positivamente para o comportamento infantil, trazendo calma ou sendo a chave para as resoluções dos problemas e tensões infantis. A criança não consegue realizar as atividades do mundo dos adultos, então a brincadeira cumpre esse papel: “Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo”. Vejamos o que nos apresenta Leontiev (2010, p. 121) sobre essa questão:

É durante este período do desenvolvimento infantil que é criada a clássica fórmula “eu mesmo”; com o emprego do “eu mesmo” dito pela criança, esta converte o modo adulto de ação em conteúdo de sua própria ação; agindo como uma pessoa em relação ao objeto, ela torna-se consciente dele como um objeto humano. “Me deixa” é a fórmula que expressa a essência real da situação psicológica na qual uma criança se encontra no limiar deste novo estágio em seu desenvolvimento - no limiar do período pré-escolar. (LEONTIEV, 2010, p. 121)

Quanto ao conteúdo representado pela criança durante o jogo de papéis, este “é de origem social, histórica e cultural, e os motivos que incitam essa atividade é a reprodução das relações humanas.” (LAZARETTI, p. 133, 2016). Por isso a importância da brincadeira ser observada, ser dirigida e até mesmo avaliada, no caso do contexto da sala de aula, ao utilizá-la como um instrumento para promoção do desenvolvimento infantil.

O jogo de papéis também é analisado no campo da Teoria Histórico Cultural, ao ser incorporado pela criança, características das vivências cotidianas reais daquilo que o ser brincante presencia e posteriormente reproduz por meio da brincadeira. Em tese, o resultado da brincadeira de papéis e a sua centralidade, é a reprodução de suas vivências, entre o mundo fantasioso infantil e o mundo real dos adultos, sendo os resultantes as ações lúdicas infantis. Sobre essa relação, na qual a criança vive com o mundo adulto, Duarte (2006) tece um olhar epistemológico diante da criança, do brincar e das relações sociais realizadas por meio das brincadeiras de papéis. Para o autor, não herdamos papéis sociais, mas essas relações contribuem para que possamos vir a desempenhar determinado papel.

Destarte, se a brincadeira de papéis nas bases da Teoria Histórico Cultural, nas quais são analisadas como instrumentos capazes de promover o desenvolvimento infantil a partir de ações planejadas e que necessitam da relação adulto e criança, e, de um direcionamento do adulto por meio de condições e objetos à criança, então,

Se a brincadeira de papéis for deixada ao sabor da espontaneidade infantil, o mais provável é que essa atividade reproduzirá espontaneamente a alienação própria aos papéis sociais com uma presença mais marcante no cotidiano da sociedade contemporânea (DUARTE, p. 95, 2006).

Que os jogos de papéis comunicam o contexto social é fato. Nessa comunicação, repercutem e reproduzem pelas brincadeiras de papéis as vivências da sociedade em determinado tempo. Fortalecendo as reflexões apresentadas por Duarte (2006), algumas brincadeiras tradicionais no início da colonização do Brasil, apresentadas por Kishimoto (2009, p. 33), podem refletir essa alienação: “Nas brincadeiras, muitas vezes violentas, os moleques viravam bois de carro, cavalos de montaria, burros de liteiras, enfim, os meios de transportes da época.” Em suas narrativas a autora apresenta diversos brinquedos e brincadeiras do período colonial. Dentre as práticas reprodutivas da criança para representar o transporte, era comum que os meninos negros representassem os cavalos dos meninos brancos, onde eram chicoteados, insultados e até machucados. Esses jogos de papéis reproduziam a alienação naquela época. Cabem-nos, na atualidade, a reflexão, a observação e o planejamento para que essa alienação não seja reproduzida por meio das brincadeiras ou para que essas reproduções possam ser problematizadas e consideradas como práticas sociais que precisam ser desconstruídas.

Reiteramos que os jogos de papéis são as atividades principais a contribuírem com o desenvolvimento infantil da criança na fase da pré-escolar (3-6 anos), o que para a teoria histórico-cultural é um fato postulado. No entanto, essas reflexões nos remetem a algumas questões nas quais precisamos observar, refletir, responder e realizar ações para que, de fato, o jogo seja um elemento que venha a contribuir com o melhor desenvolvimento infantil.

Para enfatizar e responder as indagações de como o jogo de papéis pode ser um aliado no desenvolvimento infantil e o alcance da internalização das funções psicológicas superiores, não há uma receita, porém, o caminho é a busca pela compreensão teórica e epistemológica da criança, do brincar e de sua evolução no campo dessa teoria. Lazaretti (2016) aponta a importância do planejamento no ambiente escolar que, através da soma do conhecimento teórico, o entrelaçamento com ações às quais desafiem a criança para a zona de seu desenvolvimento proximal. E mais, “o jogo também se reveste de importância para formar uma coletividade infantil [...]” (ELKONIN, p. 421, 2009). A coletividade é uma das características predominante no jogo, onde as vivências repercutem na linguagem, no modo de ser, nas ações, nas relações entre pessoas e objetos, reproduz a cultura, a história, resultando em novas experiências e novas aprendizagens.

Metodologia

O campo investigativo compreende um recorte geográfico na região sul do estado de Rondônia, configurando-se concretamente em uma escola municipal do campo, sendo os participantes envolvidos, pais e mães, equipe gestora e professoras da escola.

Para o levantamento e produção de dados sobre as brincadeiras, convidados pais e mães de crianças matriculadas na escola rural, lócus de nossa investigação, para nos contarem suas memórias brincantes.

Os resultados anunciados nesse trabalho são procedentes de coletas realizadas a partir do uso de um diário de campo individual com os pais residentes na região do Cone Sul, mas que tinham crianças matriculadas na escola, sendo portanto, membros daquela comunidade escolar pesquisada. Destacamos que o diário de campo configura-se no “[...] relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (BOGDAN; BIKLEN, p. 150 1994). Procuramos com esse diário investigar a história brincante desses pais e mães no início da colonização do sul do estado de Rondônia para tecermos nossas reflexões diante da criança contemporânea e suas atividades lúdicas na escola, ou seja, compreendemos esse processo histórico, cultural e social da criança e a sua relação com o brincar e o brinquedo em nosso estado.

Um excerto na colonização do sul do estado de Rondônia

O recorte geográfico que envolve a região do Cone Sul de Rondônia, nessa pesquisa denominada de do Cone Sul do estado de Rondônia, faz parte de uma região do estado que passou a ser colonizada pelos migrantes brasileiros a partir das décadas de 1970 e 1980 com a distribuição de terras por órgãos governamentais (TEIXEIRA; FONSENCA, 1998). O processo vivia a colonização do estado após a construção da BR 364 e ocasionou o fluxo migratório para a região, embora se saiba que “a região do Madeira-Mamoré-Guaporé já era suficientemente bem conhecida desde o século XVIII.” (idem, 1998, p.103). O conhecimento e exploração dessa região aconteceram com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré para exportação das riquezas naturais.

A partir das décadas de 1970 o fluxo migratório do estado percorre características diferentes do início da colonização, passando para a migração em busca de terras para a agricultura. A década de 1980 chegou a se tornar a de maior crescimento populacional no estado. Essa habitação desenfreada atingiu então, o local de nossa pesquisa, o sul do estado. “As cidades cresceram sem qualquer estrutura, sem as mínimas condições de saúde, educação e transporte.” (MELLO, 1991, p. 88-89). Somente no ano de 1981, a partir da lei Complementar nº 41, Rondônia passa a ser estado, surgindo um forte núcleo colonizador por meio da criação da BR 364, ligando as áreas interioranas do estado.

A agricultura desenvolvida ao longo da BR 364 apresentava Rondônia nos noticiários nacionais como um novo celeiro do Brasil. A pecuária bovina ganhava impulso e consideráveis áreas de florestas eram devastadas para a formação de pastos e em benefícios da Indústria Madeireira (TEIXEIRA; FONSENCA, 1998, p. 180).

Entre o bojo dessa chegada dos povos colonizadores às terras rondonienses do sul do estado, cabe destacar que as famílias constituintes naquela época eram em sua maioria, numerosas e advindas de todas as regiões do país. Desse resultado, visualizamos e formamos uma população miscigenada, veiculada de uma mistura abundante e resultante dos processos históricos, culturais, nos pratos, na religiosidade, nas festas, e não poderia ser diferente, essa intercepção entre as crianças com seus brinquedos e brincadeiras, objetos nessa pesquisa. “Algumas delas hoje estão velhas e suas histórias tecidas em muitas outras histórias, serão recontadas inúmeras vezes.” (FIGUEIREDO, 1999, p. 318).

Para situar a criança pioneira de Rondônia no tempo, espaço e no papel o qual exercia naquela época, é necessário “compreender como os filhos de operários e meninos de classe alta brincavam no início deste século, requer-se a identificação da imagem que os protagonistas da época construíram das crianças operárias e de classe alta”. (KISHIMOTO, 2010, p. 8). Por que relacionar a criança rondoniense dos anos oitenta com a criança de outras épocas longínquas e de outras realidades?

É bom destacar que a história não é linear. Coisas e fatos acontecem em todos os lugares e podem ser semelhantes ou diferentes. Ao apresentar a criança no início da colonização do Brasil, Kishimoto, (2010) tece reflexões relacionadas à realidade da criança filha de operários, com a criança filha dos senhores de engenho, uma relação distinta na vida cotidiana. No entanto, a brincadeira está presente em todos os contextos: na infância operária, nas comunidades negras e por vezes também operárias entre as crianças indígenas ou burguesas. A vida brincante é resultante de um processo cultural, social e histórico vivenciado ao longo dos séculos e em Rondônia não seria diferente.

Quando se trata das memórias das crianças amazônicas, algumas realidades remontam à infância rondoniense no início da colonização, pois sempre se fazem presentes em relatos de historiadores,

[...] as tarefas caseiras, logo depois da janta, de colocar nas calçadas as cadeiras de embalo [...], e a criança construiu sua própria sociabilidade, [...] ouvindo fascinadas grandes conversadores, excepcionais contadores de casos e estórias

do rio e da floresta, de onça e de serpentes, de febres e naufrágios, de assombrações e magias. (FIGUEIREDO, 1999, p. 326).

As famílias ao chegarem a Rondônia, naquela época, iam se aglomerando, pois não existiam centros urbanos. A região era composta por uma completa área camponesa, formando os pequenos vilarejos. Assim, não havia calçadas para colocarem suas cadeiras, nem luz elétrica, nem televisão, porém, sentavam-se nos troncos de árvores, nos bancos rústicos e ali dialogavam seus projetos e sonhos, enquanto as crianças dividiam suas brincadeiras sob a luz da lua ou de lamparinas a base de querosene. Ali compartilhavam as brincadeiras de suas vivências as quais eram ensinadas entre os grupos.

As noites de lua clara eram sempre bons momentos para a realização das brincadeiras. Essas práticas eram constantes nos vilarejos que despontavam, bem como nas áreas propriamente camponesas. Dentre as atividades noturnas, as crianças pioneiras de Rondônia realizavam brincadeiras de rodas, de pega-pega, de cantigas, de esconde-esconde, de narrar versos, dentre outras, tais como relatado por Cascudo (1967, p. 59): “lendas tradicionais, e adivinhações sugestivas, anedotas irresistíveis, tudo concorre para encontrarmos nessa sabedoria humilde as abundâncias suficientes à nossa curiosidade nascente.”

Além dessa curiosidade nascente, as brincadeiras e as crianças, “não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma seus brinquedos, [...], são o mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo”. (BENJAMIN, 2009, p. 94). Esses sinais entre a criança pioneira e o povo rondoniense, apresentaremos mais adiante, neste texto.

Reminiscências brincantes: reflexões e resultados

Em estudo realizado no estado de Rondônia a partir de memórias lúdicas, a autora destaca que “[...] as vivências das brincadeiras das gerações anteriores possibilitaram o crescimento no acervo de brincadeiras das crianças.” (SILVA, p. 172, 2019). Por essa ótica, notamos a importante relação do encontro da criança com sua história e sua cultura, bem como de apresentar para ela brinquedos e brincadeiras dos quais não tenha tido acesso para que possa conhecer e até mesmo, por meio de situações didáticas planejadas, permitir um contato ao acervo lúdico das histórias brincantes de seus encontros.

Para Elkonin (2009, p. 40), “o jogo apresenta-se como uma atividade que responde à demanda da sociedade em que vivem as crianças e da qual devem chegar a serem membros ativos.” Portanto, e ainda a partir das contribuições de Elkonin, o jogo, transporta em sua carga lúdica, essa representação das necessidades sociais, sejam elas representadas nas brincadeiras de papéis, ou naquelas derivadas do folclore e das tradições populares. Hoje a criança representa seus desejos por meio dos jogos dramatizados, enquanto que futuramente ela se tornará esse membro ativo, incorporado nas profissões sociais, no perfil cidadão e familiar, dentre outros.

Outra questão relevante em se tratando do estudo do jogo, é responder a demanda social, configurada por meio do planejamento didático, visto que o jogo é o elemento principal a preparar a criança para o início do ensino fundamental (LAZARETTI, 2016).

Através de olhares repletos de histórias, memórias e culturas lúdicas, apresentamos os dados coletados a partir do diário de campo individual, conforme as orientações de Bogdan e Biklen (1994). O quadro 1 apresenta uma síntese realizada a partir dos relatos memoráveis de sete (07) participantes sobre as brincadeiras as quais fizeram parte de suas infâncias no período de colonização do sul do estado de Rondônia.

Quadro 1. Brincadeiras do início da colonização do sul do estado de Rondônia

Participantes Os nomes reais foram substituídos por nomes de brincadeiras	Brincadeiras
Amarelinha	<i>Pular corda, pular elástico, brincar de queimada, pular amarelinha, ovo choco.</i>
Queimada	<i>Rouba-bandeira, esconde-esconde, pular elástico, gato mia, pique no alto, pega-pega, queimada, betis, (pé na lata), amarelinha, brincar de roda, musiquinha e versinhos.</i>
Pula-Corda	<i>Esconder, amarelinha, pular corda.</i>
Esconde-esconde	<i>Brincar na mata, de casinha, boneca, de cozinhar, subir em árvores, esconde-esconde, pular elástico, barata, pique no alto, cobra-cega, pega-pega, tomar banho de rio.</i>
Pega-pega	<i>Cinco-Marias, esconde-esconde, pega-pega, casinha, passar anel.</i>
Futebol	<i>Jogar futebol, caçar passarinho de estilingue, roubar bandeira, banhar no rio, polícia e ladrão.</i>
Casinha	<i>Fogãozinho a lenha e cozinhas comidinhas, dava para as bonecas, animais de estimação, galinhas, patos, cachorro, gato eu adorava brincar com os pintinhos.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos relatos. Colorado do Oeste, 2020.

Em nossa pesquisa levantamos, conforme quadro 1, algumas das brincadeiras realizadas pelas crianças que participaram, com seus familiares, da colonização do sul de Rondônia. Na pesquisa de Silva (2019), alguns retratos do brincar da criança pioneira do município de Ariquemes, região leste de Rondônia, há 190 km da capital do estado, demonstra uma história lúdica muito próxima e semelhante a essa pesquisa, em que as crianças brincavam no caminho da escola, na escola e nos finais de semana com brincadeiras derivadas da natureza, que envolviam o ambiente campestre, e de outras tradicionais semelhantes a essas apresentadas no quadro 1.

Os jogos relatados pelos participantes na pesquisa ascendem características diversas, desde brincadeiras realizadas em ambientes livres, na natureza, nos jogos de papéis (ELKONIN, 2009), brincadeiras tradicionais, (KISHIMOTO, 2010) dentre outras. Essa diversidade de jogos pode ser explicada desde a sua origem brasileira, com “[...] a mistura de três povos ou na assimilação progressiva, nos primeiros séculos, dos indígenas, africanos e europeus, na figura dos primeiros portugueses colonizadores.” (KISHIMOTO, 2010, p. 14).

Em Rondônia, como visto, o fluxo migratório entre os anos da colonização, especialmente nas décadas de 80, transportou famílias de todas as regiões brasileiras para constituir o sul do estado (TEIXEIRA; FONSENCA, 1998). Parece-nos cabível refletir que o que reunimos de brincadeiras apresentadas nessa pesquisa relaciona-se com suas raízes históricas, culturais e sociais desde a chegada dos primeiros portugueses para o Brasil, quando se fundiu a mistura de povos originando e resultando, no presente, essa face lúdica abundante.

Por outro lado, o jogo ao propagar essa mistura de origens, demonstra nesse movimento fluído, leve e ao mesmo tempo encantador, toda essa carga antecedente de suas origens que repercutem através dos tempos por outros protagonistas. No entanto, quando alguém brinca, por mais simples que pareça ser a ação lúdica, reflete um contexto vivido, uma história

e aprendizagens incorporadas:

O brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definimos a cultura como o conjunto de significações produzidas pelo homem. Percebemos como ele é rico de significados que permitem compreender determinada sociedade e cultura (BROUGÈRE, 2014, p. 8).

Esse conjunto de significados produzidos pelo homem no brinquedo/jogo é uma característica destacável do campo da Teoria-histórico-Cultural. Quando Brougère (2014) ressalta que esses significados nos permitem a compreensão de determinada cultura ou sociedade, postulamos a seriedade do jogo e aspectos imprescindíveis ao estudá-lo e compreendê-lo como um elemento produzido pelo homem transportando outros tempos, outros lugares e outros sentidos.

Em um diálogo elucidativo sobre aspectos da história e importância do jogo, descrito em 1928 por Benjamin (2009), demonstra que o jogo não se explica somente pelo espírito da infância, mas entende-se que os brinquedos e as brincadeiras atestam uma carga de elementos propagadores da vida humana,

[...] assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo (BENJAMIN, 2009, p. 94).

Entre esses aspectos históricos, culturais e sociais do jogo e, ao observar o quadro anterior, notamos um contexto rico de brincadeiras onde muitas se repetem com participantes diferentes. Destarte, organizamos as informações do quadro 1 em um novo quadro (quadro 2), a partir de grupos compreendidos através dos estudos nessa pesquisa sobre o elemento lúdico, conforme disposto a baixo.

Quadro 2. Categoria dos jogos/brincadeiras das crianças pioneiras

Categorias	Jogos/brincadeiras das crianças pioneiras
1 - Brincadeiras com características naturais	Brincar na mata, subir em árvores, tomar banho de rio, caçar passarinho de estilingue.
2 - Brincadeiras tradicionais	ovo choco, esconde-esconde, pular amarelinha, Pular corda, pique no alto, pega-pega, brincar de roda, musiquinhas, versinhos, casinha, boneca, cozinhar, barata, cobra-cega, Cinco-Marias, passar anel, Jogar futebol, caçar passarinho de estilingue, Fogãozinho a lenha.
3 - Brincadeiras derivadas de jogos de papéis,	gato mia, brincar de roda, Brincar na mata, casinha, boneca, cozinhar, polícia e ladrão, Fogãozinho a lenha.
4 - Brincadeiras cantadas	ovo choco, brincar de roda, musiquinhas, versinhos.
5 - Brincadeiras com animais do quintal ou animais de estimação	animais de estimação, galinhas, patos, cachorro, gato, brincar com os pintinhos.

6 - Brincadeiras de movimentos	Pular corda, pular elástico, brincar de queimada, pular amarelinha, ovo choco, Rouba-bandeira, esconde-esconde, gato mia, pique no alto, pega-pega, betis, (pé na lata), Brincar na mata, subir em árvores, barata, cobra-cega, tomar banho de rio, Jogar futebol, caçar passarinho de estilingue.
7- Brincadeiras em grupos	Pular corda, pular elástico, brincar de queimada, pular amarelinha, ovo choco, Rouba-bandeira, esconde-esconde, gato mia, pique no alto, pega-pega, betis, (pé na lata), Brincar na mata, casinha, boneca, cozinhar, subir em árvores, barata, cobra-cega, tomar banho de rio, Cinco-Marias, passar anel, Jogar futebol, caçar passarinho de estilingue, polícia e ladrão, Fogãozinho a lenha.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos relatos. Colorado do Oeste, 2020.

As categorias identificadas no que tange à brincadeira pioneira, foram: brincadeiras com características naturais (realizadas em contato com a natureza); brincadeiras tradicionais (passar anel, jogar futebol); brincadeiras derivadas de jogos de papéis, Elkonin (2009), (cassinha, cozinhar); brincadeiras que se realizam através de animais do quintal ou animais de estimação; brincadeiras cantadas; brincadeiras de movimentos e por fim há brincadeiras em grupos.

Brincadeiras com características naturais

Quando a região sul do estado de Rondônia veio a ser colonizada pelos diversos povos oriundos de todas as regiões do país, naturalmente, as crianças que acompanharam aquele processo de entrada no estado, ou as que nasceram na região, foram as primeiras a marcarem presença infantil na região.

Alguns brinquedos vieram junto com a criança recém-chegada à Rondônia, porém, naquela época, o contato que a criança possuía era completamente do ambiente natural, pois a migração no sul se caracterizou “[...] em torno da busca de terras para a agricultura” (TEIXEIRA; FONSECA, 1998, p. 174). E a criança pioneira, conforme o relato na categoria um (1), realizava suas brincadeiras relacionadas à natureza: banhos de rio, balançar em cipós, subir em árvores, caçar passarinhos, coletar frutos e folhas, enfim, a criança pioneira vislumbrava-se com a abundância de um mundo cercado por árvores, rios e terra livre.

Na roça ou na cidade, sozinha ou em bandos, com os irmãos, os vizinhos, os colegas de escola, ela anda descalça na enxurrada, trepa em árvore, nada nos rios, descobre o mar, faz alcapão, cai do cavalo, pula carnaval, fuma escondido cigarros de folha de chuchu (ALTMAN, 1999, p. 254).

A partir da leitura de Altman (1999), em suas narrativas sobre o brincar na história, percebemos que a brincadeira de origem natural está intrinsecamente ligada às atividades brincantes na infância de qualquer tempo ou lugar. E mais, Kishimoto (2009), ao apresentar os jogos infantis, demonstra que herdamos dos indígenas o gosto por brincadeiras e jogos de imitar animais.

Vigotski (2000, p. 122) destaca que é preciso compreender o caráter das necessidades que estão entre o brincar e a criança para que possamos compreender “a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade”. Pelos relatos, é possível observar que a necessidade da criança pioneira naquele momento era a exploração do meio ambiente que a cercava; a criação de objetos com galhos, folhas, barro, enfim, dos materiais os quais ela tinha ao seu

dispor, além de utilizar os cipós, os galhos das árvores, os troncos e até os animais para satisfazer suas necessidades lúdicas. E assim, ela se desenvolvia, e, propagava sua história com sua cultura a partir daquele contexto.

Brincadeiras tradicionais e brincadeiras cantadas

As brincadeiras cantadas ainda estão presentes no contexto das escolas de educação infantil (BEZERRA; SANTO; PACÍFICO, 2017), mas nos contextos domésticos e sociais já não são tão comuns. Mas a brincadeira tradicional, como o próprio nome transporta em sua etimologia, está presente em nossa cultura e história de maneira geral, desde os nossos mais antigos ancestrais. Em *Folclore do Brasil*, “a história, a etnografia, a arqueologia, revelam a riqueza incalculável da nossa “universalidade” e da nossa “velhice” funcional e consuetudinária.” (CAS-CUDO, 1967, p.11). O folclore, representado na tradição cultural em transmitir seu legado rico de tantas atividades diversas, é também responsável por sua presença marcada no contexto lúdico através dos jogos cantados, nas brincadeiras de rodas, nas cantigas populares, versos, adivinhações, parlendas, dentre tantas outras maneiras.

As crianças do sul de Rondônia se misturavam entre os grupos de colonizadores das diversas regiões do Brasil e ali propagavam suas brincadeiras tradicionais e brincadeiras cantadas, onde os avós e os pais ensinavam e transmitiam suas histórias brincantes. “As crianças brincavam muito nos recreios, depois da merenda, gostavam de brincar de jogar bola, esconde-esconde e roda e que algumas das brincadeiras eram aprendidas nos encontros de formação e ensinadas aos alunos.” (NUNES, 2019, p. 146). Esse relato reitera a história e cultura lúdica do brincar e a relação com a criança no sul de Rondônia. Nunes demonstra em sua pesquisa sobre a formação docente no contexto rondoniense na década de 1980, uma essência do brincar tradicional na escola e a sua propagação por meio dos ensinamentos das professoras.

Para Brougère (2010, p 41), “Cada cultura dispõe de um “banco de imagens” consideradas como expressivas dentro de um espaço cultural.” Naquela época, o banco de imagens disponível à criança pioneira era o seu contato com a natureza, como vimos anteriormente, eram também as brincadeiras tradicionais entre os grupos e na escola, e assim iam formando um contexto abundante de sentidos e de significados para elas.

Na explicação do desenvolvimento infantil pelo viés cultural, Vigotski e Lúria (1996, p. 177) afirmam que a mente primitiva da criança humana se torna, passo a passo, a mente de um homem adulto cultural à medida que “no processo de desenvolvimento a criança não só cresce, não só amadurece, mas [...], a criança adquire inúmeras novas habilidades, inúmeras novas formas de comportamento.”

Nos estudos de Florestan Fernandes (1979), os jogos presentes nas cantigas e folguedos fazem parte da história e da cultura, como um documento vivo e rico das práticas tradicionais.

Salientamos que as brincadeiras tradicionais nas mais variadas manifestações resultam de um processo histórico e ao mesmo tempo cultural que contribuem para o amadurecimento do comportamento da criança, visto que a brincadeira é a tarefa principal da criança no período da infância (ELKONIN, 2009).

Brincadeiras derivadas de jogos de papéis

Destacamos as brincadeiras derivadas de jogos de papéis (ELKONIN, 2009). Nos estudos da Teoria Histórico-Cultural, essas brincadeiras começam a fazer parte na primeira infância, no período entre 3 aos 6 anos (LAZARETTI, 2016). As brincadeiras de imitação, de faz-de-conta, entre tantos nomes, resultam do amadurecimento vivenciado pela criança no período anterior (1 a 3 anos), passando agora a imitar a vida do adulto, suas experiências cotidianas, o contexto onde vive.

Nos relatos evidenciados nessa categoria, tomemos como exemplo à brincadeira de “fogãozinho a lenha”. As famílias que vieram habitar o sul de Rondônia, semelhante às demais famílias de todo o estado, iniciaram suas moradias sem luz elétrica, sem água encanada, sem fogão a gás. Na pesquisa de Silva (2019) os retratos da colonização do município de Ariquemes (RO) não foram diferentes dos municípios da região sul. Conforme Silva, naquela época de co-

lonização, para fazer a merenda escolar os alunos buscavam água nos rios próximos as escolas, outros colhiam lenhas no entorno das redondezas escolares e assim, no fogão à lenha, faziam as merendas. Em casa, as famílias, desprovidas dos confortos das regiões deixadas para trás, também se valiam do fogão a lenha, do machado, da cama de pau a pique, dentre tantas outras ferramentas e mobílias tradicionais e rústicas.

É natural nos relatos da criança pioneira (mas adultos do presente), memórias da realização de brincadeiras de papéis, imitando a realidade vivenciada por ela mesma. Vemos em um relato de uma pesquisa na região sul do estado, a latência dessa brincadeira na história e na cultura das crianças rondonienses: “Uma brincadeira gravada em minha lembrança é o brincar de casinha ou comidinha. Nós fazíamos fogo de verdade e lá cozinhávamos um franguinho que a minha mãe dava.” (TEIXEIRA, 2015, p. 18). Visto que, “[...] O conteúdo da brincadeira é de origem social, histórica e cultural, e os motivos que incitam essa atividade é a reprodução das relações humanas.” (LAZARETTI, 2016, p.133).

Brincadeiras com de animais do quintal ou animais de estimação

Ao citar a tela *Menino com Lagartixas*, de Lasar Segall (1924), Kishimoto (2010) apresenta “o brincar com pequenos animais, prática divulgada pelos antepassados, continuada pelos negrinhos, pelos meninos brancos, índios e mestiços [...]” A criança sempre demonstrou afeto por bichos vivos, sejam eles animais domésticos ou animais selvagens. Quando a criança colonizadora cita que brincavam com os patos, pintinhos, galinhas, cachorros, pode-se considerar que nesse bojo, havia outros animais que as crianças também brincaram.

Algumas brincadeiras das crianças da região amazônica, citadas por Altman (1999), podem anunciar ou representar o contexto histórico e cultural das crianças pioneiras do sul de Rondônia, circundadas próximas às matas e florestas onde realizavam com frequência a ludicidade com os mais diversos animais: “[...] domesticando pássaros e, com especial prazer ensinando papagaios a falar. Macacos e lagartos são os preferidos; muitas cobras também são de estimação.” (p. 234).

No âmbito das reflexões entre o brinquedo e a cultura, Brougère, (2014) assinala que o brinquedo é rico de significados e permite conhecer a cultura na qual o homem está inserido.

Nesse sentido, nossa teoria se desdobra para a compreensão dessa ludicidade pioneira em um contexto histórico e cultural de uma época em que seus protagonistas recorriam aos bichos e animais de estimação para a realização de suas brincadeiras. Ainda hoje, não se pode contrariar que tais atividades continuam, porém, na cultura da época, era comum encontrar nas casas dos colonizadores animais selvagens sendo domesticados e utilizados pelas crianças em suas práticas brincantes, bem como os animais domésticos.

Brincadeiras de movimentos e Brincadeiras em grupos

Agrupamos essas duas categorias para tratarmos delas por terem características muito próximas, especialmente que ambas demonstram, em sua maioria, serem realizadas em grupos.

As brincadeiras de movimentos, citadas pelas crianças pioneiras, reúnem uma variedade de jogos realizados por elas naquela época. Presentes nas brincadeiras tradicionais, realizadas na escola, com os irmãos e nos ambientes naturais, estão, por exemplo, os banhos de rio, as brincadeiras nas matas, nas árvores, dentre outras. São em sua maioria, as brincadeiras de movimentos realizadas em grupos e vice e versa.

Os jogos de grupos ou de movimentos aconteciam a todo o momento no contexto das crianças colonizadoras de Rondônia, até pelo fato das famílias serem numerosas e quando não partilhavam as brincadeiras com os vizinhos e coleguinhas na escola as crianças brincavam com os próprios irmãos. E nessa relação de partilhas brincantes, o aprendizado acontecia, mesmo sem a intenção. Partilhavam brincadeiras, músicas e cantigas, gestos e objetos lúdicos e ainda construíam seus próprios brinquedos. Percebe-se que,

[...] intermediada pelos pais e professores, a ludicidade possibilita que a criança adquira uma maior compreensão dos diferentes contextos socioculturais, dado que os distintos grupos sociais se relacionam e constroem cultura brincando, o que oportuniza o despertar de uma criatividade e imaginação [...] (QUEIROZ; PINHO, 2020, p. 126).

Diante dessa relação de movimentos e grupos, a criança pioneira também teve uma característica marcante e singular nesse período de povoamento do estado, “tempo em que as crianças partilhavam da sobrevivência de suas famílias, lutavam, trabalhavam junto aos pais, dia a após dia pelo comer, pelo vestir, pelo viver.” (SILVA, 2019, p.114). A criança pioneira era aquela que brincava com tudo que havia ao seu redor; aquela que criava seus brinquedos do barro, com as folhas e galhos, com cipós nas árvores. Porém, em um viés muito mais profundo que o brincar, estava a partilha do trabalho familiar, na lavoura, em casa, nas pastagens, envolta do fogão, no buscar das lenhas e nas latas de água na cabeça, que, muitas vezes ainda encontravam nos afazeres, as brechas do sabor terno, prazeroso e revigorante derivado das brincadeiras e dos jogos.

Considerações Finais

Procuramos nessa pesquisa apresentar algumas características da vida da criança pioneira do sul do estado de Rondônia e de suas brincadeiras. A criança vista como protagonista nesse processo de ocupação das terras do estado. Ela se fez e se faz presença naquela época e atualmente continua transmitindo seu legado promissor de esperança em nossa sociedade.

Foi preciso recorrer às memórias lúdicas de homens e mulheres que estiveram germinando na história e na cultura de um começo esperançoso e desafiador. Os relatos, mesmos que em pequeno número, já despontam um contexto emanado de uma sólida e abundante vivência brincante.

Nosso olhar tem procurado observar a criança pioneira com o seu protagonismo infantil e lúdico entre os teares da Teoria Histórico Cultural, que ao debruçar nos campos reflexivos e epistemológicos, percebe uma infância a qual foi constituída por culturas diversas, transmitindo seus brincos, seu folclore, suas vivências e histórias. Toda essa miscigenação pluralizada ecoa na construção da sociedade sul rondoniense e resulta em aprendizagens significativas.

A criança pioneira não brincava para aprender, mas ao realizar as ações envoltas pelas partilhas culturais, sociais e históricas, resultavam em conhecimentos, em laços sociais e grupais, em um desenvolvimento corporal e intelectual, despercebido por elas e por seus mentores da época.

Os caminhos dessa pesquisa têm nos conduzido e despertado para analisarmos a criança atual como um processo histórico e cultural distinto, e ao mesmo tempo entrelaçado, com a criança do passado. Uma criança que dividia seu tempo com os afazeres domésticos e braços no campo ou na lavoura. Essa criança que ainda temos muito a conhecê-la e apresentá-la para a sociedade atual.

Referências

ANDRÉ, M. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.1, no. 1, p. 119-131, set. 2007. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

ALTMAN, Raquel Zumbano . **Brincando na história**. In: PRIORE. Mary Del. Histórias das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999. p. 331-258.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 2 ed, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 2 ed, 2009.

BEZERRA, Ezenice Costa de Freitas; SANTOS, Telma Cristina Martins dos; PACÍFICO, Juracy Machado. Oralidade e a linguagem musical: encontros e desencontros na educação infantil. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 4, n.º, 9, p. 159 a 176, set/dez, 2017.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, Editora, 1992.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**/Trad. Gisela Wajskop. São Paulo: 8 ed, cortez, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro: Mundo de Cultura, 1967.

CHAVES, Marta; FRANCO, Adriana de Fátima. Primeira infância: educação e cuidados para o desenvolvimento humano. In: MARTINS, Lígia Márcia. ABRANTES, Angelo Antonio. FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. p. 109-126.

DUARTE, Newton. “Vamos brincar de alienação?” A brincadeira de papéis sociais na sociedade alienada. In: DUARTE, Newton. **A brincadeira Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo, Brasil, Ed. Xamã, 2006, p. 89-97.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1979.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Memórias da infância na Amazônia**. In: PRIORE. Mary Del. Histórias das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999. p. 317-346.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HUGO, Vitor. **Desbravadores**. Humaitá, 1959.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Jogos infantis: O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 16 ed, 2010.

LAZARETTI, Lucinéia Maria. **Idade pré-escolar (3-6 anos) e a educação infantil: a brincadeira de papéis sociais e o ensino sistematizado**. In: MARTINS, Lígia Márcia. ABRANTES, Angelo Antonio. FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 129-148.

LEONTIEV, Aléxis N. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar In: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Trad.: Maria da Pena Villalobos. 11a ed. São Paulo: Ícone, 2010.

MELLO, Thiago. **Amazônia a menina dos olhos do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MELLO, Thiago de. **Poemas Preferidos pelo autor e seus leitores**. Edição comemorativa dos 75 anos do autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NUNES, Marcia Jovani de Oliveira. **Do professor leigo ao graduado no magistério rural: ações pedagógicas e processos formativos na transição do século XX PARA O XXI em Colorado do Oeste – RO.** (Dissertação Mestrado). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2019.

QUEIROZ, Marina Carla da Cruz; PINHO, Maria José. Brincadeiras e influências no contexto de ocupação na Região Amazônica: uma análise da Ocupação Capadócia em Palmas-TO. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.15, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2960>. Acesso em: 30 dez., 2021.

SILVA, Andressa Lima da. **Infâncias da terra: histórias, memórias e suas repercussões na prática docente em escolas rurais de Ariquemes – RO.** (Dissertação Mestrado). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2019.

TEIXEIRA, Antônio, D.; FONSENCA, Dante, R. da. **História Regional (Rondônia).** Porto velho: Rondoniana, 1998.

TEIXEIRA, Érica Jaqueline Pizapio. **Brinquedos e Brincadeiras nas Telas de Portinari: Um Estudo Sobre a Infância Lúdica Contemporânea.** Cuiabá. (Dissertação de Mestrado de Educação). Universidade Federal de Mato Grosso 2015.

TIBÚRCIO, Nadiane Maria da Silva et. al. Ressignificando objetos: a importância da confecção de brinquedos com materiais recicláveis no processo educativo Infantil. **Revista Humanidades e Inovação**, v.6, n. 2, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Acer/Downloads/966-Texto%20do%20artigo-4112-1-10-20190307%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Acer/Downloads/966-Texto%20do%20artigo-4112-1-10-20190307%20(1).pdf). Acesso em: 30 dez., 2021.

VIGOTSKI, L.S., LURIA, A.R., LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 6 ed. São Paulo: Ícone, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo, Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança.** Porto Alegre: Artmed, 1996.

Recebido em: 02 de dezembro de 2021.

Aceito em: 16 de dezembro de 2021.